

METAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRIORIDADES

Leonor Scliar-Cabral

UFSC/CNPq

lsc@th.com.br

Resumo: Apesar da disseminação da comunicação pela Internet em todo o mundo e ao fato de que crianças muito pequenas já estão familiarizadas com seu uso, o que aparentemente significaria a democratização do conhecimento, este não é o caso, uma vez que enfrentamos a situação paradoxal em que uma minoria domina o conhecimento especializado enquanto a maioria está privada de seu acesso e mesmo dos direitos civis, já que ninguém poderá alegar inocência pelo fato de ignorar a lei. Um número incontestável de analfabetos funcionais se encontra mesmo nos chamados países desenvolvidos como os Estados Unidos e o Reino Unido e mesmo no Brasil, com altas cifras de analfabetos funcionais. O Programa Iniciativa de Intervenção Precoce (Early Intervention Initiative (EII)), desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia, com bons resultados, ilustra como o problema pode ser erradicado.

Palavras Chave: analfabetismo funcional - Estados Unidos - Reino Unido – Brasil - Iniciativa de Intervenção Precoce.

Abstract: Despite the dissemination of internet communication all over the world, and the fact that very young children are familiar with its use, which apparently would mean the democratization of knowledge, this is not the case, since we are faced at the paradoxical situation where a minority of people master specialized knowledge while the majority is deprived of its access and even of their civil rights, since nobody may claim innocence due to her or his ignorance about the law. An incontestable number of functional illiterates are found even in the so called developed countries like USA and UK and also Brazil, with high figures of functional illiteracy. The

program Early Intervention Initiative (EII) developed by the West Dunbartonshire Council with good results illustrates how the problem can be eradicated.

Key words: functional illiteracy – USA – UK – Brazil - Early Intervention Initiative

Transformações profundas

Profundas transformações nas comunicações lingüísticas têm sido observadas nos últimos 25 anos, cujo cenário é a globalização acelerada e o contato não presencial entre os interlocutores pela Internet: a fusão do áudio, vídeo e telefonia num só sistema, o uso maciço do computador e a nanotecnologia são exemplos da revolução científica e tecnológica que acarreta relações de trabalho determinadas por quem detém mais conhecimento e está à frente na inovação científica e tecnológica: isto impõe novos processos na formação dos professores, implicando a reformulação dos currículos, dos conteúdos das disciplinas e da própria metodologia de ensino.

Pode parecer que o acesso ao conhecimento foi democratizado e que mais pessoas o dominam no mundo inteiro, rompendo assim o fosso que separa os poderosos dos destituídos, mas isto não corresponde aos fatos: não só ainda existem 774 milhões de iletrados, dos quais 64% são mulheres, conforme os dados do Serviço de Estatística da UNESCO (2007), como mesmo em muitos países em que o ensino fundamental é compulsório, a porcentagem de analfabetos funcionais vem aumentando, o que os torna praticamente à margem da realização pessoal, social e civil.

Por ser na minha visão o problema central no contexto do ensino-aprendizagem, focalizarei o analfabetismo funcional.

Alfabetismo funcional

Dentre as muitas definições de analfabeto funcional, para as quais não há consenso, adotamos a de Scliar-Cabral (2003): “O conceito de analfabeto funcional, como o próprio adjetivo indica, deve, contudo, repousar sobre a falta de competência do

indivíduo para ler e escrever os textos dos quais necessita em sua vida cotidiana familiar, social e de trabalho”. Observe-se que a denominação “analfabeto”, nesta definição, recobre também sistemas não predominantemente alfabéticos. A definição condiz com a da UNESCO (2007) de letrado funcional:

É funcionalmente letrada a pessoa que puder engajar-se em todas as atividades nas quais o letramento for condição para o desempenho efetivo no seu grupo e comunidade e também para permitir-lhe que continue a utilizar a leitura, a escrita e o cálculo para o seu próprio desenvolvimento e o de sua comunidade.

A partir da própria definição do PISA de que “na leitura, ser letrado é entender, usar e refletir sobre textos escritos, a fim de alcançar as próprias metas para desenvolver o conhecimento e as potencialidades e participar na sociedade” (OCDE, 2003, trad. da autora), as cifras dos analfabetos funcionais são alarmantes, mesmo em países desenvolvidos como os Estados Unidos e o Reino Unido (cabe assinalar que, nestes países a incidência maior é entre os imigrantes, inclusive entre os de segunda geração).

Uma classificação mais operacional em cinco níveis é a utilizada pelo LAMP (Literacy Assessment and Monitoring Programme), programa de testagem e monitoria da UNESCO (2007):

Nível 1: O indivíduo possui habilidades muito pobres e pode nem ser capaz de determinar a dose correta do remédio para dar ao filho, a partir do rótulo da embalagem.

Nível 2: Os entrevistados só conseguem operar tarefas e material escrito simples, disposto com clareza. Conseguem ler, mas se saem mal nos testes de compreensão. Podem ter desenvolvido habilidades de cópia para dar conta das demandas de escrita mais corriqueiras, mas acham difícil enfrentar novos desafios como os exigidos no trabalho.

Nível 3: Considerado o mínimo adequado para dar conta das demandas diárias e de trabalho, numa sociedade complexa. É o nível em geral requerido para completar a escola secundária e entrar na universidade.

Níveis 4 e 5: Os entrevistados demonstram domínio das habilidades para processar informação mais complexa.

Aplicando estes conceitos e classificações aos dados obtidos principalmente de pesquisas domiciliares, constata-se a situação alarmante no que diz respeito à competência em leitura e escrita.

Dados alarmantes

O Departamento de Educação do Reino Unido em seu relatório de 2006 informou que 47% das crianças deixam a escola aos 16 anos sem ter adquirido o nível básico em matemática funcional e 42% falham em alcançar o nível básico no inglês funcional (Guardian Unlimited, 10/07/2007). A cada ano, 100.000 alunos deixam a escola como analfabetos funcionais no Reino Unido. Embora a taxa de letramento, nos Estados Unidos, seja muito elevada, mensurada por no mínimo oito anos de escolaridade, estatísticas recentes indicam a existência de aproximadamente 30 milhões de analfabetos funcionais, cifra que vem aumentando (Civilliberties, 2007). Observe-se, portanto, que freqüentar a escola mesmo até completar o ensino fundamental, não é garantia para que o indivíduo consiga entender, usar e refletir sobre os textos escritos.

Somente as instituições que investiram pesado na formação do magistério e adotaram métodos e materiais advindos das pesquisas avançadas conseguiram resultados satisfatórios no domínio da leitura e escrita por parte da população, estando em primeiro lugar dentre os 31 países associados à OCDE (2005) a Finlândia, com a melhor média (548,2 pontos) e, em segundo lugar, o Japão, com uma diferença mínima (547,6 pontos): o México, único país latino-americano associado, ocupou a pior posição, com (404,9 pontos). Confirmando a posição ocupada pela Finlândia, o relatório PISA constatou em 2003 que apenas 0,3% das meninas com quinze anos eram más leitoras.

No Brasil, a situação do analfabetismo funcional continua grave: segundo os resultados da quinta edição da pesquisa do INAF, a instituição que se ocupa do assunto no Brasil, “somente 26% dos brasileiros que têm entre 15 e 64 anos dominam plenamente a leitura e a escrita no Brasil” (INAF, 2007).

Cabe investigar as causas de tal situação, para indagar como a Psicolinguística Aplicada pode contribuir para reverter o quadro.

Uma das possibilidades é conhecer quais as medidas que foram tomadas em cenários que apresentavam taxas alarmantes de analfabetismo funcional e que conseguiram baixá-las consideravelmente.

O programa Inciativa de Intervenção Precoce

Tomaremos como exemplo o programa Inciativa de Intervenção Precoce (Early Intervention Initiative (EII)), desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia e que em junho último recebeu o prestigioso prêmio do Municipal Journal pela maior conquista em assistência à criança no Reino Unido (West Dunbartonshire Council, 2007).

O programa começou em 1997, com a meta para ser atingida em dez anos. Em 1997, somente 5% das crianças que freqüentavam a primeira série do primário conseguiam escores altos em leitura: com a aplicação do programa, a cifra subiu para 45%. A reversão do problema também se pode observar no fato de que em 1997, as crianças com escores baixos que freqüentavam a segunda série do primário, constituíam 11% e em 2007 baixaram para 1%. Ainda em 2001, antes que o Programa apresentasse efeitos nos estudantes que ingressavam na escola secundária, um entre cada três alunos (28%) era analfabeto funcional: depois de ter freqüentado sete anos do ensino fundamental, seu nível de leitura era o equivalente ao de uma criança de 9 anos e meio. Em agosto de 2005, já sob o efeito do programa, a porcentagem de tais alunos baixou para 6%.

Sem que possamos entrar em detalhes, por limitações de tempo, o programa prioriza a educação infantil, desenvolvendo a consciência fonológica na pré-escola e utilizando basicamente o método fônico sintético e o enfoque multissensorial, com material pedagógico elaborado a partir de pesquisas (Jolly Phonics); atividades de intervenção, com uma equipe de professores especialmente treinados; avaliação e monitoria contínuas; tempo extra para a leitura no currículo, assessoria às famílias e

de quem cuida das crianças e a implementação de um entorno de letramento na comunidade (Education Guardian, 2007).

Desde que o programa começou 30.903 alunos foram individualmente testados, 29.906 em grupo, totalizando 60.809. As crianças que não conseguem atingir níveis satisfatórios na aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, são acompanhadas individualmente por especialistas até superarem as dificuldades, com o programa Toe By Toe. É preciso enfatizar a vontade política da administração do condado que investiu no projeto de erradicar o analfabetismo funcional em 10 anos, mais precisamente, neste mês de novembro, inclusive convocando especialistas como assessores: o projeto considerou importante o concurso da família e da comunidade e foi desenvolvido um trabalho para suplementar o chamado currículo escondido. A efetividade de tais medidas para erradicar o analfabetismo funcional no Reino Unido vem confirmada pelo comentário da Chefe dos Inspetores de sua Majestade, Christine Gilbert (2007, p. 2) ao Relatório Anual de 2006/07:

O relatório final, publicado em 2006, chamou a atenção para a importância fundamental do desenvolvimento da fala das crianças.

Também fez inúmeras recomendações chave para as escolas, sobre o ensino da fônica. Em especial, recomendou que o trabalho sistemático com a fônica fosse ensinado de modo destacado; em outras palavras, os professores deveriam destinar um devido tempo todos os dias para que as crianças adquiram o conhecimento, as habilidades e a compreensão de modo a habilitá-las a decodificar (a ler) e a codificar (a escrever/ortografar) a escrita. Também recomendou que o trabalho fônico de alta qualidade seja o enfoque privilegiado para ensinar as crianças a ler, de modo que possam deslocar-se mais suavemente de “aprender para ler”, para “ler para aprender”.

Reflexões sobre o programa Iniciativa de Intervenção Precoce

Dado o fato de que muitos projetos para a implementação do letramento apresentaram resultados tão insatisfatórios, uma das primeiras tendências é copiar,

sem reflexão ou adaptação a cenários diferentes, o que deu resultados noutros lugares.

É evidente que algumas medidas são indiscutíveis, por exemplo, a vontade política das instituições responsáveis pela educação de convocar os especialistas em ensino-aprendizagem da leitura e escrita para assessorarem em larga escala os educadores do ensino pré-escolar e fundamental, bem como os autores do respectivo material pedagógico. Isso implica a presença não só de pedagogos e psicólogos altamente especializados, como o concurso de lingüistas, psicolingüistas e fonoaudiólogos, que deverão se ocupar da reformulação dos currículos, da formação contínua do magistério, das práticas escolares, do material pedagógico, da avaliação periódica e da recuperação dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

A compreensão por parte dos professores das bases científicas que fundamentam, por exemplo, a fônica, impedirá a prática mecânica e inadequada dos exercícios, o que redundaria no efeito inverso ao desejado.

Com efeito, a razão primordial que fundamenta a fônica é que a base dos sistemas alfabéticos, ou seja, os grafemas (formados por uma ou mais letras) representam um fonema (classe de sons com função de distinguir significados). Ora, isto vai contra a percepção que o indivíduo tem da fala antes de se alfabetizar, ou seja, a fala é percebida como um contínuo, residindo aí a maior dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. Portanto, um trabalho sistemático tem que ser desenvolvido para que o indivíduo reconstrua de modo consciente a percepção da fala e possa desmembrar a sílaba em seus constituintes.

Enfatizamos, porém, que tanto os fonemas, quanto sua representação, os grafemas, têm a função de distinguir significados. Ignorar que tanto a língua oral quanto a escrita fazem parte dos sistemas semióticos é negar que servem para comunicar pensamentos.

Outro risco decorrente da falta de conhecimentos de fonética para quem ensina fônica é pensar que é possível ouvir ou articular isoladamente uma consoante menos contínua, isto é, uma oclusiva.

Ora, existe uma impossibilidade articulatória para a produção de tais sons, se não se apoiarem numa vogal ou som vocálico precedente ou subsequente, uma vez que é necessário romper o obstáculo (assinalado pelo silêncio) para que possa ser percebido qualquer sinal. Na língua portuguesa, temos seis consoantes que se enquadram neste tipo /b/, /p/, /t/, /d/, /k/ e /g/.

Outra questão teórica é desconhecer que a decodificação precisa ser aprendida pelos valores que as letras têm, muitas vezes condicionadas pelo contexto, e não por seus nomes. Isto é particularmente grave no português com os grafemas “c”, “g”, “h”, “m”, “n”, “q”, “s”, “x”, “z” e todos os grafemas que representam as vogais, mas o princípio vale para todos os grafemas: evidentemente, a palavra “bola” não se lê como “beóélia”.

Finalmente, gostaria de mencionar que, além das questões que remontam à educação pré-escolar e fundamental e ao preparo dos professores, a explosão lexical e semântica e de universos especializados ocasionada pelas revoluções científicas e tecnológicas aceleradas, determinou a formação de verdadeiros guetos lingüísticos, impermeáveis mesmo para os considerados bons leitores.

Isto vem determinando o fracionamento do conhecimento e a impossibilidade de compreender os inúmeros universos cognitivos: o ideal humanístico se encontra cada vez mais distante. Talvez, um dos caminhos seja a formação de um novo tipo de profissional capaz de traduzir o texto especializado para o grande público, o que em parte vem sendo exercido pelo jornalista científico.

Considerações finais

Nesta artigo me propus debater qual a prioridade para a formação de professores, optando pelas contribuições ao combate ao analfabetismo em todas suas vertentes, particularmente, ao analfabetismo funcional. Apresentei estatísticas de países desenvolvidos como os EUA e o Reino Unido, e também mencionei o Brasil, com altas taxas de analfabetismo funcional. Mencionei o programa de dez anos, Iniciativa de Intervenção Precoce do West Dunbartonshire Council, cujos bons resultados inspiram outros países a aplicarem medidas similares, mas estando atentos a

adaptá-las aos respectivos cenários com uma crítica reflexiva. Finalizei indicando as áreas onde é preciso atuar: reformulação dos currículos, das práticas escolares, do material pedagógico; articulação do trinômio escola, família, comunidade; avaliação periódica e recuperação dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, bem como a formação contínua do magistério.

Referências

Civilliberties. The teleconference about functional illiteracy.

<http://civiliber.blogs.bftf.org/2007/07/27/the-teleconference-about-functional-illiteracy/>. (Acesso em 24/10/2007).

GILBERT, C. Commentary by Her Majesty's Chief Inspector. In: *The Annual Report of Her Majesty's Chief Inspector 2006/07*. Ofsted, 2007.

http://live.ofsted.gov.uk/publications/annualreport0607/commentary/page_1.htm. (Acesso em 29/10/2007).

GUARDIAN UNLIMITED. Sounds incredible. *The Guardian*. Tuesday July 10, 2007.

<http://education.guardian.co.uk/egweekly/story/0,,2122125,00.html> (Acesso em 24/10/2007).

INAF. Encontro nacional reúne instituições que combatem o analfabetismo funcional. *Boletim INAF*, 29/10/2007.

http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.03.00.00.00&ver=por. (Acesso em 29/10/2007).

OCDE. *OCDE in figures*. 2005. <http://ocde.p4.siteinternet.com/publications/doifiles/012005061T032.xls>. (Acesso em 24/10/2007).

_____. PISA, 2003 Country Profiles. <http://pisacountry.acer.edu.au/> (Acesso em 24/10/2007).

SCLIAR-CABRAL, L. Revendo a categoria “analfabeto funcional”. *Revista CriarMundos*, nº 3 (especial) Home Índice Editorial Links "Año del libro", 2003.

<http://www.wdcweb.info/news/displayarticle.asp?id=12752>.

UNESCO Institute for Statistics. *Literacy survey*. 2007.

www.uis.unesco.org/profiles/selectCountry_en.aspx . 12752 (Acesso em 29/10/2007).

West Dunbartonshire Council. Literacy initiative wins major award. *News Room*.
29/07/2007. <http://www.wdcweb.info/news/displayarticle.asp?id=12752> (Acesso em
29/10/2007).